

BESTSELLER
IMEDIATO do
New York Times



A
ÚLTIMA
LIVRARIA
DE
LONDRES

Uma homenagem ao poder da literatura, inspirada nas livrarias londrinas que sobreviveram ao Blitz.

TOP
SEL
LER

MADELINE MARTIN

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY



1



Agosto de 1939

Londres, Inglaterra

Grace Bennett sonhara viver em Londres desde sempre, mas nunca imaginara que não teria outra opção senão essa, muito menos nas vésperas da guerra.

O comboio deteve-se na estação de Farringdon, cujo nome afixado na parede se encontrava bem visível, inscrito numa faixa azul dentro de um círculo vermelho. As pessoas aguardavam de pé na plataforma, tão ansiosas por entrar no comboio como as que estavam lá dentro por sair. Envergavam roupas de bom corte, no estilo chique citadino. Era muito mais sofisticado do que em Drayton, Norfolk.

O íntimo de Grace vibrava com um misto de nervos e impaciência.

— Chegámos — disse, virando-se para Viv, ao seu lado.

A amiga fechou o batom. O seu sorriso era de um vermelhão recém-aplicado. Viv espreitou pela janela, varrendo com os olhos o xadrez de anúncios que forrava a parede curva.

— Depois de tantos anos a imaginar-nos em Londres — apertou ao de leve a mão de Grace —, cá estamos nós.

Eram simples raparigas quando Viv abordara pela primeira vez a ideia de saírem da monótona Drayton para terem uma vida mais empolgante na cidade. Na altura, parecera-lhes estupendo trocar a sua

existência vagarosa e familiar no campo pelo rebuliço acelerado de Londres. Nunca passara pela cabeça de Grace que tal pudesse, um dia, tornar-se uma necessidade.

A verdade, contudo, era que já não havia nada que ligasse Grace a Drayton. Nada a que lhe interessasse regressar, pelo menos.

As raparigas levantaram-se dos assentos aveludados e pegaram na bagagem. Cada uma delas levava consigo apenas uma mala, e estavam ambas desbotadas, gastas mais pela idade do que pelo uso. Atafulhadas a ponto de quase rebentarem, eram não só pesadíssimas como incômodas de transportar em conjunto com as máscaras de gás que carregavam a tiracolo. Por ordem do governo, tinham de levar aquelas coisas pavorosas para onde quer que fossem, de modo a protegerem-se no caso de um ataque.

Felizmente para elas, Britton Street ficava a dois minutos a pé, segundo a Sra. Weatherford.

A amiga de infância da mãe tinha um quarto para arrendar, que lhe oferecera um ano antes, quando a mãe de Grace morreu. As condições eram bastante generosas: dois meses de graça, enquanto Grace não arranjasse emprego, com a renda a ser depois descontada apenas quando comesçasse a receber um salário. Apesar do desejo de ir para Londres e do encorajamento entusiástico de Viv, Grace permanecera em Drayton quase mais um ano, na tentativa de recompor os pedaços da sua vida destroçada.

Isso foi antes de descobrir que a casa em que tinha vivido desde que nascera pertencia, na verdade, ao tio. Antes de ele se mudar para lá com a sua terrível mulher e as cinco crianças. Antes de a vida tal como a conhecia se estilhaçar ainda mais.

Não havia espaço para Grace na sua própria casa, facto que a tia fazia questão de apontar com frequência. Aquilo que outrora tinha sido um ninho de conforto e amor transformou-se num sítio onde se sentia indesejada. Quando a tia teve finalmente a temeridade de lhe pedir que se fosse embora, Grace soube que não lhe restava alternativa.

Escrever à Sra. Weatherford no mês anterior a perguntar se a oferta se mantinha foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez fizera.

Sentiu que era a sua rendição diante dos desafios que enfrentava, um falhanço terrível e dilacerante, uma capitulação que a tornava o maior de todos os falhanços.

Grace nunca fora dona de grande coragem. Mesmo hoje, perguntava-se se alguma vez teria sido capaz de empreender a viagem até Londres se Viv não tivesse insistido que fossem juntas.

Toda ela tremia por dentro enquanto esperava que as portas cromadas do comboio se abrissem para aquele mundo completamente novo.

— Vai ser fantástico — sussurrou-lhe Viv por entre dentes. — Vai correr tudo muito melhor, Grace. Prometo.

As portas pneumáticas do comboio elétrico abriram-se com um silvo e elas desceram para a plataforma entre puxões e encontrões das pessoas que entravam e saíam ao mesmo tempo. Depois, as portas fecharam-se atrás delas, e o golpe de vento da partida do comboio puxou-lhes os vestidos e os cabelos.

Um anúncio de *Chesterfields* na parede do outro lado da linha mostrava um salva-vidas a fumar um cigarro, enquanto outro cartaz ao lado convocava os homens de Londres a alistarem-se no serviço militar.

Não era apenas um lembrete da guerra que o país poderia ser obrigado a travar em breve, mas também de que viver na cidade poderia ser especialmente perigoso. Se Hitler quisesse ocupar a Grã-Bretanha, o mais provável seria concentrar as suas atenções em Londres.

— Oh, Grace, olha! — exclamou Viv.

Grace desviou o olhar do cartaz para as escadas de metal, que subiam sozinhas através de um mecanismo invisível, desaparecendo algures por cima do teto arqueado. Para o coração da cidade dos seus sonhos.

O anúncio ficou rapidamente esquecido e correram ambas para as escadas rolantes, tentando conter o entusiasmo à medida que estas as conduziam sem esforço mais e mais para cima.

Viv empertigou os ombros com uma felicidade incontida.

— Não te disse que ia ser fantástico?

A enormidade de tudo aquilo atingiu Grace de uma só vez. Após anos de sonhos e planos, ali estavam elas, em Londres.

Longe do brutamontes do tio de Grace; fora do jugo severo dos pais de Viv.

Apesar das preocupações de Grace, ela e Viv saíram da estação como dois passarinhos prontos para finalmente abrirem as asas depois de uma vida na gaiola.

Os prédios erguiam-se em seu redor até aos céus, levando Grace a tapar o sol com a palma da mão para lhes conseguir ver o topo. Várias lojas vizinhas acenavam-lhes com placas de cores vivas que alardeavam sanduíches, cabeleireiros e uma farmácia. Pela rua chocalhavam camiões, e um autocarro de dois andares ribombava em sentido contrário, pintado de um vermelho tão lustroso como o verniz das unhas de Viv.

Grace teve de se conter para não agarrar o braço da amiga e guinchar-lhe que olhasse, mas Viv já absorvia a cena de olhos arregalados e cintilantes. A sua expressão espantada fazia-a parecer tanto uma rapariga do campo como Grace, mesmo com o seu vestido elegante e com os caracóis castanhos muito bem arranjados.

Grace não era tão sofisticada como ela. Embora tivesse escolhido o seu melhor vestido para a ocasião, a bainha ficava-lhe um palmo abaixo dos joelhos e tinha a cintura apertada com um simples cinto de cabedal preto, a combinar com os sapatos rasos. Ainda que não fosse tão chique como o vestido de Viv, branco às bolinhas pretas, o tecido de algodão azul-claro fazia, no entanto, sobressair os olhos cinzentos e favorecia-lhe o cabelo louro.

Tinha sido Viv a costurá-lo para ela, claro. A amiga encarregara-se sempre das duas, de olhos postos em voos mais altos. Em tantos anos de amizade, tinham passado horas incontáveis a costurar vestidos e a encaracolar o cabelo, já para não falar nos anos a fio a lerem sobre moda e etiqueta na *Woman's Life* e a treinarem a língua para «apagarem Drayton» do seu sotaque.

Agora, Viv poderia perfeitamente aparecer numa dessas capas de revista, com as maçãs do rosto destacadas e as suas longas pestanas a realçarem os olhos castanhos.

Juntaram-se ao corrupio de gente que se apressava de um lado para o outro, mudando a mala de mão por causa do seu peso, à medida

que Grace liderava o caminho na direção de Britton Street. Felizmente, as indicações que a Sra. Weatherford lhe tinha enviado na sua última missiva eram suficientemente detalhadas e fáceis de seguir.

O que ficara a faltar à descrição, porém, eram todos aqueles sinais da guerra.

Mais anúncios, alguns a chamarem os homens a cumprir o seu papel pela pátria, outros a incitarem que as pessoas ignorassem Hitler e as suas ameaças e marcassem, apesar de tudo, as férias de verão. Do outro lado da rua, erguia-se um muro de sacos de areia em redor de uma porta cujo letreiro a proclamava um Abrigo Público Antiaéreo.

De acordo com as indicações da Sra. Weatherford, chegaram a Britton Street dois curtos minutos depois e deram por si defronte de uma casa geminada de tijolo. Tinha uma porta verde com a aldraba de bronze polido e uma floreira cheia de petúnias brancas e roxas no parapeito da janela. Segundo a carta da Sra. Weatherford, aquela era indiscutivelmente a casa certa.

A sua nova casa.

Viv galgou os degraus da entrada, com os caracóis a abanarem a cada passo, e bateu à porta. Grace foi ter com ela ao andar de cima, impulsionada pela expectativa que fervilhava dentro de si. Ao fim e ao cabo, tratava-se da mais querida amiga da sua mãe, que as tinha ido visitar a Drayton várias vezes durante a infância de Grace.

A amizade que ligava a mãe de Grace à Sra. Weatherford nascera quando esta ainda vivia em Drayton. Mesmo depois de esta se mudar para Londres, a ligação mantivera-se ao longo da Grande Guerra, que lhes roubara os maridos a ambas, e prolongara-se pela doença que, no final, acabou por levar a vida à mãe de Grace.

A porta abriu-se e a Sra. Weatherford, mais velha do que Grace recordava, assomou à entrada. Fora sempre agradavelmente roliça, com umas bochechas vermelho-maçã e olhos azuis cintilantes, mas, agora, usava uns grandes óculos redondos e o cabelo escuro estava

salpicado de fios prateados. Concentrou imediatamente o olhar em Grace, arquejando ao de leve e levando a mão aos lábios.

— És a cara chapada da tua mãe, Grace. A Beatrice foi sempre tão bonita, com aqueles seus olhos cinzentos. — A mulher mais velha escancarou a porta, revelando o seu vestido de algodão branco com florzinhas azuis e botões a condizer. Por trás dela havia um vestíbulo, pequeno, mas arrumado, quase completamente preenchido com uma escadaria que levava ao piso de cima. — Entrem, por favor.

Grace balbuciou um agradecimento ao elogio, tentando minimizar o quanto aquela comparação ainda afetava a parte de si que continuava de luto pela mãe.

Carregou a mala para o interior da casa, onde pairava o cheiro apetitoso a carne guisada com legumes. A boca de Grace encheu-se de água.

Não comia uma refeição caseira decente desde a morte da mãe. Uma que lhe soubesse bem, pelo menos. A tia não era grande cozinheira, e Grace tinha de passar tantas horas a cuidar da loja do tio que não lhe restava tempo para preparar nada em condições.

A alcatifa, bege e salpicada de flores pastel, abafou os passos de Grace. Embora limpa, parecia um pouco esgaçada.

— Vivienne — disse a Sra. Weatherford, quando Viv se juntou a Grace no vestíbulo.

— Todos os meus amigos me tratam por Viv. — A rapariga sorriu à Sra. Weatherford com o encanto que lhe era tão próprio.

— Que belas raparigas que as duas se tornaram. Vão deixar o meu filho todo corado. — A Sra. Weatherford fez-lhes sinal para pousarem as malas. — Colin! — chamou por cima da balaustrada envernizada das escadas. — Leva as malas das meninas para cima enquanto eu ponho a chaleira ao lume.

— Como vai o Colin? — perguntou Grace educadamente.

Era filho único, tal como ela, e tinham ambos perdido o pai na Grande Guerra. Embora fosse dois anos mais novo do que Grace, tinham brincado juntos em criança. Ainda o recordava com grande ternura. Colin sempre tivera uma tremenda docilidade, uma genuína bondade por trás dos olhos perspicazes.

A Sra. Weatherford levou as mãos à cabeça, exasperada.

— A tentar salvar o mundo, um animal de cada vez. Trá-los a todos para casa. — A gargalhada bondosa que lançou dizia que não se importava tanto com isso como queria dar a entender.

Grace aproveitou para observar o vestíbulo enquanto esperavam por Colin. Havia uma mesa junto às escadas com um telefone preto lustroso em cima. O papel de parede era de um alegre brocado azul e branco, algo esmaecido, e combinava com as portas e ombreiras pintadas de branco. Apesar da decoração simples, tinha tudo um aspeto imaculado. Na verdade, Grace tinha a certeza de que lhe seria difícil encontrar uma única partícula de pó nas coisas da amiga da sua mãe.

Ouviu-se um rangido e, depois, passos pelas escadas, antes de aparecer um rapaz alto e magro. O cabelo escuro estava muito bem penteado, e usava calças castanhas com uma camisa.

Sorriu-lhes timidamente, o que lhe suavizou as feições e o fazia parecer ainda mais jovem do que os seus 21 anos.

— Olá, Grace.

— Colin? — disse ela, incrédula. Era quase 30 centímetros mais alto do que ela, numa inversão completa de papéis desde a última vez que se tinham encontrado.

O rapaz corou.

Foi uma reação encantadora, e ela ficou feliz por ver que Colin não tinha perdido a sua doçura com o decorrer dos anos.

Grace olhou bem para ele.

— Cresceste imenso desde a última vez que te vi.

Ele encolheu os ombros magricelas, claramente envergonhado, e fez um ligeiro aceno de cabeça para Viv, com quem também havia brincado em tempos, já que as duas raparigas sempre tinham sido inseparáveis.

— Viv. Bem-vindas a Londres. Eu e a mãe estávamos ansiosos pela vossa chegada. — Fez um sorriso tímido a Grace e baixou-se para pegar nas duas malas. Hesitou por um instante. — Importam-se que as leve para cima?

— Por favor — respondeu Viv. — Obrigada, Colin.

Ele assentiu e pegou nas malas, uma em cada mão, carregando-as consigo escadas acima sem a mínima dificuldade.

— Lembram-se de quando o Colin vos foi visitar? — perguntou a Sra. Weatherford.

— Sim — respondeu Grace. — Parece tão simpático como sempre.

— Só que muito mais alto — acrescentou Viv.

A Sra. Weatherford olhou para o topo das escadas com uma adoração maternal a brilhar-lhe nos olhos, embevecida.

— É bom rapaz. Venham, vamos beber um chá antes de vos mostrar a casa. — Fez-lhes sinal para a seguirem e abriu uma porta que dava para a cozinha. A luz espalhava-se pelo interior, vinda da janela por cima do lava-louça, e pela porta dos fundos, filtrada por umas cortinas brancas de gaze semiabertas. Tudo na pequena cozinha estava tão impecável como no vestíbulo. A luz do Sol reluzia na bancada branca e nos poucos pratos que se encontravam a secar no corredor. Algumas toalhas cor de limão pendiam de um toalheiro, e o cheiro do guisado era inebriante.

A Sra. Weatherford apontou a pequena mesa com quatro cadeiras brancas a Grace e a Viv e tirou a chaleira de cima do fogão.

— O teu tio escolheu uma bela altura para reclamar a posse da tua casa, com a guerra prestes a rebentar. — Levou a chaleira até ao lava-louça e abriu a torneira. — Nada que não se pudesse esperar do Horace — acrescentou com uma evidente aversão por cima do barulho da água a correr. — A Beatrice sempre temeu que ele se fosse lembrar de uma dessas, mas depois a doença dela foi tão súbita... — A mulher olhou de relance para Grace, enquanto enchia a chaleira. — Enfim, não devia estar a falar disto, com vocês ainda cansadas da viagem. Estou muito feliz por vos ter aqui. Só preferia que as circunstâncias pudessem ser outras.

Grace mordeu o lábio, sem saber o que dizer.

— Tem uma linda casa, Sra. Weatherford — apressou-se a comentar Viv.

Grace lançou-lhe um olhar de gratidão, ao que ela respondeu com um piscar de olho cúmplice.

— Muito obrigada. — A mulher mais velha fechou a torneira e olhou em redor da sua cozinha soalheira com um sorriso. — A casa está na família do meu Thomas há várias gerações. Tem vindo a perder qualidades, mas cá vamos fazendo o que podemos por ela.

Grace e Viv sentaram-se cada qual em sua cadeira. Os coxins com padrão de limões eram suficientemente finos para sentirem a madeira dura por baixo.

— Agradecemos-lhe muito por nos ter deixado ficar aqui consigo. Foi muito generoso da sua parte.

— Ora, não se fala mais nisso. — A Sra. Weatherford pousou a chaleira no fogão e rodou o botão para acender o lume. — Não há nada que eu não fizesse pela filha da minha melhor amiga.

— Acha que vai ser muito difícil arranjar emprego? — indagou Viv. Apesar da ligeireza do tom que imprimiu à pergunta, Grace sabia que ela estava ansiosa por trabalhar como assistente de loja.

Na verdade, a ideia também lhe agradava a ela. Parecia-lhe fascinante trabalhar num grande armazém, um sítio imponente e requintado como a Woolworths, com os seus vários pisos de lojas que ocupavam um quarteirão inteiro.

A Sra. Weatherford fez um sorriso matreiro.

— Por acaso, acontece que eu conheço bastantes donos de lojas em Londres. Tenho a certeza de que poderei ajudar. E o Colin trabalha no Harrods, também pode lá dar uma palavrinha.

Os olhos de Viv iluminaram-se ao articular em silêncio o nome da loja com um entusiasmo incontido.

A Sra. Weatherford pegou numa das toalhas amarelas e tirou um prato do escorredor, enxugando as poucas gotas que restavam.

— Devo dizer que não se nota nada que são de Drayton, quando falam. Viv soergueu o queixo um pouco.

— Obrigada. Temo-nos esforçado por isso. Tínhamos esperança de que isso nos ajudasse a arranjar emprego.

— Magnífico. — A Sra. Weatherford abriu um armário e arrumou o prato. — Espero que também tenham arranjado cartas de recomendação.

Viv tinha passado o dia anterior à partida para Londres com uma máquina de escrever emprestada à sua frente, datilografando cuidadosamente uma carta de recomendação para si própria. Ofereceu-se para redigir uma para Grace, mas esta recusou.

A Sra. Weatherford dirigiu-se uma vez mais para o corredor de pratos. Viv franziu o sobrolho a Grace, para dar a entender que esta devia ter aceitado a sua sugestão.

— Trouxemos cartas de recomendação, sim — respondeu Viv pelas duas, num tom confiante. Já devia estar a magiciar uma maneira de arranjar uma carta para Grace.

— A Viv tem uma — corrigiu Grace. — Infelizmente, eu não. O meu tio recusou-se a escrever-me uma carta de recomendação pelo tempo que passei a trabalhar na loja.

Tinha sido o último castigo dele, a retaliação por ela «abandonar a loja» onde tinha trabalhado a maior parte da vida. Pouco se ralando que a mulher tivesse insistido para que Grace arranjasse outro sítio para viver, ficara visivelmente incomodado por já não a poder ter às suas ordens.

A chaleira começou a assobiar, emitindo uma nuvem de vapor pelo bico. A Sra. Weatherford tirou-a do lume, o que a calou de repente, e pousou-a numa base.

Abanou a cabeça para si mesma enquanto enchia o infusor de chá com algumas ervas, antes de deitar a água a ferver no bule.

— Que pena. É mesmo uma pena. — Murmurou algo por entre dentes acerca de Horace e pousou o bule numa bandeja prateada onde já se encontravam três chávenas, o açucareiro e uma leiteira. Olhou para Grace com um ar pesaroso. — Não te vão aceitar em nenhum grande armazém sem uma carta.

Grace sentiu o estômago afundar-se-lhe até aos pés. Talvez devesse ter deixado Viv forjar-lhe uma carta, afinal.

— No entanto — acrescentou a Sra. Weatherford pensativamente, enquanto levava a bandeja para a mesa e lhes servia uma chávena a cada uma —, estou a lembrar-me de um sítio onde poderás trabalhar durante seis meses para depois teres uma carta de recomendação.

— A Grace é perfeita para qualquer trabalho. Seja ele qual for. — Viv tirou um cubo de açúcar e deixou-o cair no seu chá. — Ela sempre teve as melhores notas na escola. Especialmente a Matemática. Dirigia a loja do tio praticamente sozinha, e melhorou imenso o negócio.

— Então, acho que te vais dar lindamente. — A Sra. Weatherford bebeu um golinho do seu chá.

Grace sentiu algo a roçar-se-lhe nas canelas. Olhou para baixo e viu um gatinho malhado a fitá-la suplicantemente com uns grandes olhos ambarinos.

Grace afagou a pelagem macia por trás das orelhas do gato, fazendo-o ronronar.

— Já vi que tem um gatinho.

— Ah, mas será só durante mais uns dias. Espero que não se importem. — A Sra. Weatherford tentou enxotar o gato com a mão, mas ele manteve-se teimosamente colado a Grace. — O patife não me sai da cozinha, sempre que lhe cheira a comida. — A Sra. Weatherford fez um ar contrariado com o animalzinho, que a fitava sem o mais pequeno sentimento de culpa ou vergonha. — O Colin é doido por animais. Se eu o deixasse ficar com todas as criaturinhas que me traz para casa, teríamos aqui uma arca de Noé. — Deu uma gargalhada que agitou a coluna de vapor de água que se erguia da chávena de chá.

O gato deitou-se de costas, mostrando uma pequena estrela branca no peito. Grace afagou-o naquele ponto, sentindo o seu ronronar ritmado estremecer-lhe as pontas dos dedos.

— Como é que se chama?

— *Malhadinho*. — A Sra. Weatherford revirou os olhos, brincalhona. — O meu filho tem mais jeito a salvar animais do que a arranjar-lhes nomes.

Colin entrou na cozinha nesse preciso instante, como se o tivessem chamado. *Malhadinho* pôs-se de pé de um pulo e trotou para junto do seu salvador. Colin pegou no gatinho com as suas grandes mãos, acariciando a pequena criatura que se enroscava afetuosamente.

Desta vez, a Sra. Weatherford enxotou o próprio filho.

— Leva-mo lá da cozinha, por favor.

— Desculpa, mãe. — Colin fez um sorriso tímido a Grace e a Viv e esgueirou-se pela porta com o gato aninhado contra o peito.

A Sra. Weatherford abanou a cabeça com uma expressão divertida de afeto ao vê-lo sair.

— Vou fazer uma visita ao Sr. Evans, para ver se te garanto o tal lugar na loja. — Sentou-se na cadeira e olhou para o jardim, suspirando.

Grace olhou de esguelha pela janela, e reparou num grande buraco que se erguia na terra, ao lado de uma pilha triste de flores desenraizadas e de um monte daquilo que pareciam ser chapas de alumínio. Provavelmente, um abrigo antiaéreo em início de construção.

Grace nunca tinha visto nenhum em Drayton, onde as hipóteses de um bombardeamento eram remotas, mas já ouvira dizer que tinham começado a despontar em várias cidades. Pequenos abrigos enterrados nos jardins a servirem de refúgio, caso Hitler atacasse a Grã-Bretanha.

Sentiu um calafrio de inquietude a percorrer-lhe a coluna. Com tantas boas alturas para finalmente se mudarem para Londres, tinha-lhes calhado aquela, à beira de uma guerra. Agora eram um alvo preferencial dos bombardeamentos.

Não que regressar a Drayton fosse uma alternativa. Preferia enfrentar o perigo onde se sentia bem-vinda a ter de suportar a hostilidade do tio.

Viv espreitou com um ar curioso pela janela, porém apressou-se a desviar os olhos. Depois de uma vida inteira completamente dedicada à agricultura, estava, como costumava dizer, «fartinha de terra até à ponta dos cabelos».

A Sra. Weatherford tornou a suspirar e bebeu um gole de chá.

— Costumava ser um lindo jardim.

— Há de voltar a ser — garantiu Grace, com uma confiança maior do que aquela que realmente sentia. Se houvesse bombardeamentos, haveria algum jardim que conseguisse escapar incólume? Mais importante ainda, conseguiriam elas fazê-lo?

Esse pensamento prendeu-se-lhe no fundo do espírito, lançando-a num devaneio sombrio.

— Sra. Weatherford — disse abruptamente, sem querer mais pensar na guerra ou nas bombas —, posso perguntar-lhe que tipo de loja é a do Sr. Evans?

— Claro, querida. — A Sra. Weatherford pousou a chávena no pires com um tinido, os olhos brilhavam de entusiasmo. — É uma livraria.

Grace fez por esconder a decepção. Ao fim e ao cabo, sabia muito pouco acerca de livros. Quaisquer tentativas de leitura que pudesse ter feito ao longo da vida haviam sido arrasadas por interrupções. Estava sempre demasiado ocupada na loja do tio a tentar sustentar-se a si e à mãe para se poder dar ao luxo de ler. E depois a mãe tinha adoecido...

Era bastante fácil gerir a loja do tio Horace, desde logo porque estava habituada a usar os utensílios para a casa que ali havia. Achava perfeitamente natural vender chaleiras, toalhas, jarras e outros objetos afins — sobre literatura, no entanto, não sabia nada.

Bem, isso não era inteiramente verdade.

Ainda se lembrava do exemplar dos *Contos Completos* dos Irmãos Grimm que pertencia à mãe, com uma elegante princesa pintada na capa. Gostava tanto de percorrer com os olhos as ilustrações coloridas, enquanto a voz da mãe enchia de magia aquelas histórias fantasiosas... Tirando os *Contos* dos Irmãos Grimm, contudo, nunca tivera tempo para ler. Pelo menos, desde que tinha ido para a escola, ou quando lhe pediram para ajudar na loja do tio Horace. E muito menos desde que a mãe ficara doente.

— Ótimo. — Grace fez um sorriso rasgado, escondendo a apreensão. Teria de se aguentar. Ao fim e ao cabo, tudo seria melhor do que trabalhar na loja do tio.

Mas como é que seria capaz de vender uma coisa sobre a qual sabia tão pouco?



2



A primeira vez que Grace tentou ir à Primrose Hill Books não correu conforme o planeado. Não que acalentasse grandes expectativas de êxito, mas achara que o dono estava, pelo menos, à espera da sua chegada.

Encontrou a loja sem dificuldade, no que era mais um testemunho das capacidades da Sra. Weatherford para dar indicações. A loja estreita não ficava em Primrose Hill, como sugeria o nome, mas antes no meio de uma fileira de outras, em Hosier Lane, cada qual com as suas vitrines a refletirem a luz baça da tarde enevoadas. Os dois primeiros pisos da livraria estavam pintados de preto, com uma fachada de estuque amarela a erguer-se por cima, as paredes rachadas e desbotadas pelos anos. Uma placa branca anunciava «Primrose Hill Books» em grandes e lustrosas letras negras, dispostas num círculo. O efeito pretendia ser elegante, mas Grace achou-o desenxabido e triste.

A sensação repetia-se nas janelas desengonçadas da loja, que estavam toscamente forradas de fita adesiva branca, em vez de exibirem uma montra convidativa. Não se tratava de algo invulgar: a maior parte das lojas e até das casas tinha aderido a essa solução para prevenir estilhaços em caso de bombardeamento; as tiras, no entanto, costumavam ser coladas com mais esmero.

Grace sentiu-se estremecer de receio, uma vez mais. E se o Sr. Evans lhe perguntasse qual fora o último livro que ela lera? Respirou fundo,

para ganhar alento, e empurrou a porta da loja. Uma pequena sineta tocou por cima da sua cabeça, soando demasiado alegre para um lugar tão soturno.

A humidade e o mofo pairavam no ar, além de um cheiro semelhante a lã molhada. A camada de pó nas prateleiras indicava que ninguém tocava na maior parte delas há algum tempo, e as pilhas de livros espalhadas pelo chão de tábuas corridas conferiam ao lugar um aspeto de evidente desmazelo. A sensação via-se reforçada pelo balcão à direita da loja, repleto daquilo que aparentavam ser faturas amontoadas num mar de cotos de lápis e lixo diverso.

Não admirava que o Sr. Evans estivesse à procura de ajuda.

— Chame se precisar de alguma coisa. — A voz invisível era tão seca e indiferente como os livros.

— Sr. Evans? — A rapariga adentrou-se um pouco mais na pequena loja.

Erguiam-se várias filas de estantes sobre a cabeça de Grace, tão próximas umas das outras que duvidou que alguém conseguisse enfiar-se ali no meio para consultar o seu conteúdo. Reparou então num mezanino que contornava o perímetro do primeiro piso por cima das estantes gigantes, tão atafalhado e desarrumado como elas. Apesar da área generosa, o interior da loja tinha-se tornado demasiado pequeno e acanhado.

Ouviu passos a arrastarem-se no chão e um homem corpulento, de cabelo branco e sobranceiras hirsutas, saiu de um corredor estreito com um livro aberto nas mãos. O homem levantou os olhos das páginas e observou-a demoradamente, sem falar.

— Sr. Evans? — Grace contornou cuidadosamente uma pilha de livros que lhe dava pelo joelho.

Ele franziu as sobranceiras por cima dos óculos.

— Quem é você?

A única coisa que Grace queria era encontrar o caminho de volta à saída da loja por entre aquela floresta de estantes; mas tinha ido até ali com um objetivo, pelo que endireitou as costas orgulhosamente, como a mãe sempre lhe ensinara.

— Boa tarde, Sr. Evans. Chamo-me Grace Bennett. Foi a Sra. Weatherford quem me indicou que viesse falar consigo por causa de um lugar de assistente de loja.

Ele estreitou os olhos azuis por trás das lentes.

— Eu disse a essa intronada que não precisava de ajuda.

— Perdão? — deixou escapar Grace, tomada de surpresa.

O homem baixou os olhos para o livro e virou-lhe as costas.

— Não há nada para si aqui, menina Bennett.

Grace deu um passo atrás na direção da porta, instintivamente.

— Eu... eu compreendo — balbuciou. — Muito obrigada pelo seu tempo.

O homem enfiou-se novamente pelo meio das estantes, sem lhe responder, num sinal reforçado de rejeição.

Ela ficou especada a olhar para ele, em choque. Se nem ali a queriam, que outras hipóteses teria sem uma carta de recomendação? Não conhecia ninguém a não ser a Sra. Weatherford, Colin e Viv. Estava numa cidade estranha, muito longe de casa, onde, de resto, já não era bem-vinda. O que iria fazer?

Sentiu o pânico percorrer-lhe as veias, deixando-lhe as mãos a suar. Podia ficar e lutar por aquele trabalho. Ao fim e ao cabo, precisava dele.

E se não conseguisse pagar a renda do quarto dali a dois meses, mesmo que a um preço de favor? Não se imaginava a ser capaz de pedir mais ajuda à Sra. Weatherford, além de tudo o que já estava a fazer por ela. Nem tão-pouco queria depender da caridade de Viv.

Subitamente, o cheiro a mofo da loja tornou-se opressivo, as estantes atafalhadas pareciam apertar-se. Podia ficar e dar luta, mas tinha as emoções em desalinho. Oh, como sentia a falta da força da mãe, dos seus conselhos e amor.

Sem uma palavra que fosse, Grace encaminhou-se para a porta por entre as prateleiras sobrecarregadas e as pilhas de livros e saiu da loja.

Voltou para Britton Street a passo apressado, com o único desejo de ficar sozinha. Não ia, porém, ter direito à solidão. Viv estava na sala com a Sra. Weatherford, entretida com o pequeno gatinho. Colin, que tinha trabalhado a noite inteira com um novo elefante bebé na secção

de animais do Harrods, estava de cócoras junto ao gato, a dar-lhe um pedacinho de carne numa colher. Todos os olhos se viraram para Grace mal ela fechou a porta da rua.

Por muito que soubesse que os amigos só lhe queriam bem, apetecia-lhe esconder-se dos seus olhares, em vez de lhes contar como tinha fugido perante o primeiro sinal de adversidade.

— Como é que correu com o Sr. Evans? — A Sra. Weatherford chegou-se mais para a frente no seu cadeirão *bordeaux*.

Com as bochechas a arder, Grace arranjou maneira de forçar um sorriso e parecer descontraída.

— Receio que, afinal, ele não ande à procura de uma assistente.

— E o que te leva a pensar uma coisa dessas, Grace? — perguntou a Sra. Weatherford.

Grace mudou de posição de um pé para o outro. A caixa da máscara de gás que trazia à ilharga bateu-lhe contra a anca.

— Foi ele quem mo disse.

A Sra. Weatherford levantou-se com um resmungo.

— Colin, põe a chaleira ao lume.

Sentado no chão ao lado do gatinho, com uma colher entalada entre os grandes dedos, o rapaz olhou para a mãe e perguntou:

— Vai tomar o chá aqui na sala?

— Não é para mim. — Dirigiu-se para as escadas. — É para a Grace, que deve estar a precisar de uma chávena bem forte, enquanto eu vou ter uma conversinha com o Sr. Evans.

— Espera. — Viv pôs uma mão no ombro de Colin antes que ele se pusesse em pé. Coçou a cabeça de *Malhadinho* e levantou-se.

— Há uma coisa muito melhor do que chá: vamos explorar Londres. — Abanou as mãos na direção de Grace. — Estás tão bem vestida, e eu só tenho um compromisso amanhã à tarde. Vamos dar uma volta pela cidade.

O compromisso de Viv era uma entrevista no Harrods, assegurada em parte por influência de Colin, que lá trabalhava há vários anos, mas também pela carta de recomendação. Embora a posição fosse de facto invejável, Grace seria incapaz de perturbar a felicidade da amiga.

Assim, posta perante o sorriso empolgado de Viv, Grace deu por si sem conseguir recusar, por muito que não quisesse abandonar o sossego de casa.

Viv arranjou-se com tal rapidez que acabou por descer as escadas ao mesmo tempo que a Sra. Weatherford, ambas com os chapéus bem presos e os saltos altos a batucarem no soalho polido de madeira.

— Ouve bem o que te digo, Grace — a Sra. Weatherford mirou-se no pequeno espelho pendurado junto à porta da rua e ajustou a aba do chapéu preto anguloso —, o Sr. Evans vai contratar-te, se é que tem juizinho.

Grace queria protestar, negar resolutamente que precisasse de um emprego ou da bem-intencionada intervenção da Sra. Weatherford. Infelizmente, não podia rejeitar a sua caridade. O tio tinha-a deixado sem alternativa, recusando-se a escrever-lhe uma carta de recomendação. Depois de tantos anos a zelar pela loja dele, parecia-lhe dolorosamente injusto. Injusto e cruel.

Antes que pudesse tentar dissuadir a Sra. Weatherford, a mulher mais velha desapareceu pela porta da rua, muito decidida.

Viv pegou na mão de Grace.

— Vamos ver as maravilhas de Londres, *darling* — disse com a sua melhor inflexão de «alta sociedade».

Grace não pôde senão sorrir e deixar que a amiga a levasse consigo a explorar a cidade, enquanto Colin ficava sozinho com o gato.

As duas raparigas não tardaram a dar por si completamente embrenhadas no bulício citadino, entre os prédios altos salpicados de anúncios de cores garridas, o ruído e as buzínadelas do trânsito. Corriam dali para acolá, tentando acompanhar o ritmo acelerado da vida da cidade a cada passo apressado.

Londres, contudo, não era exatamente a maravilha que tinham esperado. O seu brilho fora turvado pelos efeitos da guerra que se anunciava, pela apreensão e pela fita adesiva nas montras. O antigo fulgor estava agora escondido por trás de muros de sacos de areia, e o coração da cidade fora esventrado para dar lugar a abrigos e trincheiras. Era impossível ignorar tais prenúncios.

Em Drayton, onde um ataque era menos provável, tinham também existido alguns preparativos. Lá longe, contudo, no campo, a fita adesiva nas janelas tinha uma função quase decorativa, e era maior o receio do racionamento do que das bombas. Em Londres, tudo era feito com uma arrepiante sensação de urgência.

É claro que era possível escapar temporariamente a esse cenário, como quando Grace e Viv entraram pela primeira vez no Harrods e se depararam com os elaborados arabescos no teto, as colunas egípcias pintadas, as ventoinhas e os requintados jogos de luzes. A loja espalhava-se tão longe como os campos de Drayton, cada nova secção parecia ser mais empolgante e elaborada do que a anterior. Havia lenços de seda tão fina que Grace sentia estar a tocar no ar, perfumes dispostos por trás de balcões de vidro cintilantes que inundavam o espaço com o seu dispendioso aroma, de outro modo inacessível para elas.

A secção mais fascinante de todas era, de longe, o Reino Animal, onde Colin trabalhava. O elefante bebé de que passara a noite a cuidar rebojava agora no meio de um monte de feno limpo, enquanto uma cria de leopardo lambia a pelagem com a sua língua cor-de-rosa e as observava com uns olhos verdes curiosos.

— Imagina só — disse Grace com um ar sonhador, depois de deixarem os animais para rumar a outras secções —, daqui a dias hás de estar a trabalhar aqui como assistente de loja.

— E tu também podias estar — segredou-lhe Viv —, se me tivesses deixado escrever-te uma carta de recomendação.

O entusiasmo de Grace esmoreceu um pouco ao lembrar-se do sítio onde iria acabar, caso o Sr. Evans cedesse à Sra. Weatherford. Um patrão brusco numa loja cheia de produtos sobre os quais não sabia nada de nada.

Ainda assim, seria absolutamente incapaz de forjar uma carta de recomendação. Nunca tivera jeito para mentir: ficava vermelha e engasgava-se nas próprias palavras. De certeza que faria o mesmo diante de qualquer documento falso. Sabia, no entanto, que Viv não deixaria cair o assunto sem algum tipo de concessão.

— Talvez possa mudar de ideias, se não surgirem mais oportunidades — acabou Grace por conceder.

O rosto de Viv iluminou-se.

— É como se já estivesse escrita!

— Só se não surgirem mais oportunidades — repetiu Grace, subitamente esperançosa de que a Sra. Weatherford conseguisse levar a sua avante junto do Sr. Evans.

Viv, contudo, já se tinha voltado para examinar um par de *collants* de seda, limitando-se a retorquir à condição imposta por Grace com um murmúrio alheado de anuência. Tornou a arrumar as meias, passando a mão pela embalagem cor-de-rosa.

— Sabes o que é que nos falta fazer? — Virou-se de súbito para Grace, entusiasmada, fazendo a saia de pregas verde rodopiar-lhe em torno dos joelhos. — Ainda não fomos ao Hyde Park!

Grace fez um sorriso rasgado. Quantos e quantos dias de verão não se tinham deitado ao sol, em Drayton, a sentir o cheiro adocicado da relva e a fingir que estavam em Hyde Park?

— Acho que fica logo ao cimo da rua — disse, com um franzir das sobrelhas.

Viv olhou em redor, para as filas intermináveis de elegantes mostradores iluminados.

— Desde que consigamos encontrar a saída.

Grace esticou o pescoço à procura, sem sucesso. Demoraram mais do que estavam dispostas a admitir, e ainda se perderam algures entre a secção de roupas de cama e a dos soutiens, mas acabaram finalmente por dar com a porta e subiram a rua em direção ao Hyde Park.

Estavam à espera de por lá encontrar aglomerados de espreguiçadeiras com pessoas extravagantemente vestidas, o espelho de água do Serpentine a refletir o Sol como diamantes translúcidos e um relvado imenso e tão fofo que as impeliria a descalçar os sapatos. Nunca imaginaram trincheiras escavadas no solo, como feridas abertas, nem — pior ainda — peças de artilharia pesada.

Os bojudos canhões de metal erguiam-se mais alto do que um homem, apoiados em rodas tão grandes que o eixo dava pela cintura

de Grace. Cada um desses monstros tinha o cano comprido apontado aos céus, pronto para abater qualquer ameaça.

Grace contemplou o manto cinzento das nuvens, quase à espera de ver surgir uma esquadrilha de aviões a qualquer instante.

— Escusam de se pôr a cismar com os alemães, minhas senhoras.
 — Um homem mais velho que vinha a passar deteve-se ao pé delas.
 — Estas armas antiaéreas são capazes de os fazer cair do céu antes que nos consigam atingir. — Assentiu, muito satisfeito com a sua confiança. — Estão perfeitamente seguras.

Grace sentiu uma contração no estômago que lhe roubou as palavras. Viv também parecia afetada, e conseguiu apenas esboçar um sorriso débil. O homem tocou na aba do chapéu e retomou a sua caminhada pelo parque, com um jornal entalado debaixo do braço.

— A guerra vem mesmo aí, não vem? — disse Viv, baixinho.

Sim, vinha. Todos o sabiam, por muito que não o quisessem admitir.

As férias já tinham sido interrompidas mais cedo, sendo os professores convocados a regressar a casa para encetarem os preparativos para a evacuação de milhares de crianças londrinas. Se já estavam a planear levar as crianças para o campo, não restavam dúvidas de que a guerra não tardaria a abater-se sobre elas.

Ainda assim, havia um tom de resignação na pergunta de Viv que fez soar uma corda de culpa no peito de Grace.

— Não precisas de ficar aqui, Viv. Não é seguro. Só me vieste ajudar porque eu tinha medo de vir sozinha, mas podias...

— Voltar para Drayton? — Viv fez um esgar em jeito de troça.
 — Preferia morrer a voltar e dar por mim novamente enterrada na lama até aos cotovelos.

Pode acontecer-nos o mesmo aqui. Grace não verbalizou esse pensamento macabro, mas olhou uma vez mais de relance para a bateria de armas antiaéreas, recortadas ameaçadoramente contra o céu vespertino.

— Ainda ninguém declarou guerra. — Viv ajeitou a alça da mala, que trazia ao ombro junto com a caixa da máscara de gás. — Anda, vamos voltar para casa e ver se a Sra. Weatherford conseguiu pôr algum juízo na cabeça do Sr. Evans.

Grace lançou um olhar rabugento à amiga.

— Ele não me quer, mas a mim também não me agrada nada lá ficar. A loja é muito velha e cheia de pó, e tem mil e um livros diferentes de que nunca ouvi sequer falar.

Acendeu-se uma centelha nos olhos de Viv.

— É por isso que é perfeita para ti, *Patinha*.

Grace não foi capaz de conter um sorriso terno. Tinha sido a mãe a dar-lhe essa alcunha, quando era criança e os caracóis louros se lhe enrolavam na base do pescoço. Como a cauda de um pato bebé, costumava dizer a mãe. A alcunha pegou. Agora que a mãe morrera, Viv era a única pessoa que ainda se lembrava e usava aquela forma carinhosa de tratamento.

— A loja do teu tio era uma espelunca pejada de pó antes de tu pegares nas rédeas. — Viv pôs as mãos nas ancas. — E algo me diz que a Sra. Weatherford seria capaz de arrancar à força uma carta de recomendação ao Sr. Evans daqui a seis meses, se ele se atrevesse a recusar-ta.

A imagem da Sra. Weatherford a arengar com o Sr. Evans deu-lhe vontade de rir.

— Seria um verdadeiro confronto de teimosos.

— Eu sei em quem é que apostava. — Viv piscou-lhe o olho. — Anda, vamos ver quais são as novidades que ela traz.

Quando chegaram a Britton Street, a Sra. Weatherford já se encontrava na sala a beber chá, e o aroma de carne assada enchia o ar. Mais uma refeição deliciosa, sem dúvida. Era muito talentosa na cozinha, tal como a mãe de Grace.

A Sra. Weatherford tirou os olhos do seu chá e sacudiu o vapor das lentes dos óculos.

— Ah, cá estão vocês. O Sr. Evans vai pagar-te um salário justo e quer que comeces amanhã de manhãzinha, às 8 em ponto.

Grace tirou os sapatos rasos e, sem calçar os chinelos, atravessou a alcatifa felpuda da sala.

— Quer dizer que...?

A Sra. Weatherford fez um trejeito de vitória com os lábios.

— Sim, querida. És a nova assistente de loja na Primrose Hill Books. O alívio suplantou a ansiedade. Tinha um emprego que lhe podia garantir a subsistência em Londres. Agora talvez pudesse pôr finalmente Drayton e o tio para trás das costas.

— Obrigada por falar com ele, Sra. Weatherford — proferiu Grace, reconhecida. — Foi muito amável da sua parte.

— Foi um prazer, querida. — O peito inchado da mulher sugeria que o tinha sido efetivamente.

Grace hesitou um instante.

— Posso perguntar-lhe porque é que a livraria se chama Primrose Hill Books, se não fica em Primrose Hill?

A Sra. Weatherford fez um sorriso sonhador, revelando a Grace que havia uma explicação particularmente interessante.

— O Sr. Evans e a mulher, que Deus a tenha, conheceram-se em Primrose Hill. Encostaram-se os dois à mesma árvore e descobriram que estavam a ler o mesmo livro. Já imaginaste? — Tirou um bolinho da bandeja e segurou-o entre os dedos. — Quando abriram a loja, acharam que era o nome perfeito para uma livraria. Bastante romântico, não é?

Era quase impossível imaginar o carrancudo dono da loja no papel de jovem apaixonado, mas o nome era de facto encantador. Tal como a história.

Enfim, seria apenas por seis meses.



3



Na manhã seguinte, Grace chegou à Primrose Hill Books às 10 para as 8, com os caracóis perfeitos e os nervos em franja. Viv tinha-a ajudado a pôr os rolos na noite anterior, e levantou-se bem cedo para lhe desejar boa sorte, embora a sua própria entrevista no Harrods estivesse marcada para a tarde.

Grace ia precisar de toda a sorte que conseguisse arranjar.

Quando entrou, o Sr. Evans encontrava-se atrás do desorganizado balcão. Vestia um casaco de *tweed* com uma camisa por baixo e não se dignou a levantar os olhos quando a sineta tocou.

— Bom dia, menina Bennett — limitou-se a cumprimentá-la num tom aborrecido.

Grace sorriu, decidida a começar com o pé direito (ou dando a outra face, conforme se preferisse encarar o assunto).

— Bom dia, Sr. Evans. Agradeço-lhe verdadeiramente a oportunidade de trabalhar na sua loja.

Ele levantou a cabeça e observou-a por trás das lentes grossas dos óculos. O cabelo branco, ralo, e as sobranceiras farfalhudas pareciam tão domesticados como alguma vez lhes seria possível.

— Não preciso de ajuda nenhuma, mas aquela mulher não me ia largar enquanto eu não concordasse com ela. — Apontou-lhe um dedo sapudo. — Mas não se deixe prender muito ao seu lugar, menina Bennett! É só por seis meses.

Grace deixou descontrair os ombros de alívio. Pelo menos ele não estava à espera de que ela fosse ali passar o resto da vida.

— Não me vou deixar prender — respondeu ela com sinceridade. Como seria possível, num sítio tão poeirento e desolado?

Perscrutou a loja e ficou mais uma vez espantada com a exiguidade do espaço. As estantes sucediam-se umas a seguir às outras, como grandes dentes numa boca minúscula, entre pilhas erráticas de livros espalhados. Tudo sem pés nem cabeça.

Quando Grace começara a trabalhar na loja do tio havia, pelo menos, alguma aparência de ordem. O que iria ela fazer com aquele caos?

O desespero tomou conta de si. Por onde começar, sequer? Quais seriam as expetativas do Sr. Evans para o trabalho dela?

Ficou de pé, constrangida, com a mala e a caixa da máscara de gás ainda ao ombro, sem tão-pouco tirar o chapéu. O Sr. Evans pareceu não reparar, continuando ao invés a apontar uma série de números no livro-razão. Tinha um lápis minúsculo cuidadosamente entalado entre os dedos. Se o afiasse mais uma vez, ficaria reduzido a nada.

Grace pigarreou.

— Onde posso pôr as minhas coisas?

— Pode pôr na sala dos fundos — murmurou o homem, sem parar de escrever.

Ela olhou para as traseiras da loja e viu uma porta, presumivelmente a que lhe fora indicada.

— E depois, o que pretende que eu faça?

A ponta do lápis partiu-se e o Sr. Evans soltou um suspiro de frustração. Então, dignou-se a olhar para ela.

— Já lhe disse que não preciso de ajuda. Pode ficar sentada na sala dos fundos a coser, ou instalar-se a um canto a ler um livro, ou limar as unhas. Tanto se me dá.

Grace assentiu e atravessou o corredor desalinhado de prateleiras até à porta que ele lhe tinha indicado. Havia uma placa por cima da porta com o nome «Primrose Hill Books» gravado no latão, além de uma linha de palavras mais pequenas por baixo: «Onde os leitores

encontram o amor.» Grace esperou que fosse um presságio de que os seis meses que teria de ali passar acabassem por não ser assim tão maus.

A pequena sala, onde havia uma mesinha e uma cadeira, era escassamente iluminada, com uma única lâmpada despida. Tinha caixotes empilhados de encontro às quatro paredes, por vezes aos dois e aos três de fundura, o que reduzia o espaço a ponto de uma pessoa quase não se conseguir mexer lá dentro. Era muito menos acolhedor do que a loja em si, coisa que Grace não julgara possível. Descobriu vários ganchos na parede, que aproveitou para pendurar os seus pertences, e voltou para a frente da loja.

Nunca fora muito dada à costura (essa era a especialidade de Viv) e não sabia sequer que livro começar a ler, quanto mais onde poderia arrumá-los. Uma olhadela às unhas, no entanto, deixou-a arrependida de se ter esquecido da lima em casa.

Não lhe restava alternativa senão arranjar o que fazer. A espessa camada de pó das prateleiras parecia implorar que o limpassem. É certo que espanar o pó não constava na lista de recomendações do Sr. Evans, mas a loja precisava indiscutivelmente de uma limpeza.

Três horas depois, quase a sufocar com as partículas de pó suspensas no ar, deu por si a lamentar a sua escolha. O vestido camiseiro branco com florzinhas cor-de-rosa, um dos seus preferidos, estava todo manchado, e o Sr. Evans ia-lhe lançando olhares irritados sempre que ela tossia, ou seja, a cada dois minutos.

Vários clientes entraram e saíram durante esse tempo. Ela tinha tentado aproximar-se deles enquanto trabalhava, esforçando-se por não levantar o pó na sua direção, mas ficando suficientemente perto para o caso de precisarem de ajuda.

Não que soubesse o que responder, caso eles lhe fizessem alguma pergunta. Felizmente, tal não aconteceu, pelo menos até cinco minutos depois de o Sr. Evans ter saído para ir tomar um chá ali perto.

Uma senhora de idade com um vestido-avental axadrezado olhou fixamente para Grace e foi ter com ela.

— Desculpe, *The Black Spectacles*, tem?

Grace fez um sorriso alegre. Pelo menos aquela era uma pergunta para a qual tinha resposta.

— Não vendemos óculos aqui, peço imensa desculpa.¹

A mulher pestanejou com os grandes olhos azuis.

— É um livro. O autor é John Dickson Carr. Acabei ontem de ler *The Crooked Hinge* e queria imenso continuar a série Gideon Falls.

Se a Terra se abrisse naquele preciso instante e engolisse Grace, ela não se queixaria.

Tinha dois títulos de livros e uma série para procurar, mas não fazia ideia de onde poderiam estar. Bem que tentara descobrir alguma espécie de ordem na arrumação dos livros durante as limpezas, mas tinha sido em vão.

— Oh, claro. — Grace fez sinal à mulher para que a seguisse, na esperança de que pudesse tropeçar por acaso no livro ou de ser atingida por um raio. Estava disposta a aceitar qualquer um dos desfechos.

— Achou *The Crooked Hinge* empolgante? — perguntou Grace algo timidamente, num esforço para perceber de que tipo de livro estaria à procura.

A mulher levou a mão ao peito.

— Oh, foi um dos melhores policiais que tenho lido. Tranquei-me no quarto quando cheguei ao último capítulo, para o conseguir acabar sem ser interrompida pelas crianças.

Ah, sim, um policial. Talvez estivesse algures ali ao fundo, para onde estava a levar a mulher.

— Creio que deve estar algures nesta parede. — Grace varreu com os olhos as lombadas de uma série de livros. Não tinham qualquer ordem visível, fosse pelo título, pelo nome do autor ou sequer pela cor da capa.

— Se eu puder ajudar... — ouviu-se uma voz masculina dizer atrás de Grace.

Ela deu um pulo de surpresa e deparou-se com um homem alto vestido com um casaco cinzento de corte perfeito, de cabelo preto e com

¹ Em português, *black spectacles* poderá ser traduzido como «óculos pretos». [N. T.]

um risco ao lado imaculado. Já tinha reparado nele. Que mulher não repararia, sendo tão bem-apeçoado? Mas já não o via há uns minutos e calculara que ele se tinha ido embora.

— Acho que está na estante ali ao fundo. — Desviou os olhos para o lado oposto da loja.

— Sim, muito obrigada. — Grace sentiu as bochechas a arder, não, o corpo todo a arder, inflamado por uma vergonha que crescia à medida que o homem não tirava os olhos dela. Pediu à mulher que a seguisse uma vez mais. — Por aqui, por favor.

— Se não se importa, menina... — A senhora olhou denodadamente para o homem bem-parecido e corou. — Prefiro que seja ele a mostrar-me.

O homem arqueou as sobrancelhas, surpreendido, e soltou uma gargalhada melodiosa.

— Ora essa. — Ofereceu o cotovelo à senhora mais velha, que o aceitou com um sorriso radiante.

Grace observou-os, divertida, enquanto o cavalheiro tirava um livro preto com letras vermelhas na capa de uma das prateleiras de cima. A mulher agradeceu-lhe e foi ter com Grace junto à caixa registadora, no desarrumado balcão.

— Que belíssimo cavalheiro. — A mulher deu uma palmadinha nas suas próprias bochechas coradas antes de abrir a carteira. — Se eu fosse jovem e bonita como a menina, acho que não o deixaria sair daqui sem descobrir como se chama.

Grace atirou um olhar ansioso e discreto ao homem para se certificar de que ele não tinha ouvido o comentário da mulher, mas ele estava a contemplar uma estante a vários passos dali, aparentemente absorto. Graças a Deus.

A tensão dos ombros de Grace afrouxou um pouco. Contou o troco da mulher, agradeceu e entregou-lhe o livro. A dona de casa ofereceu-lhe uma piscadela de olho e saiu da loja, fazendo retinir a sineta.

Quando o som se dissipou, abateu-se um silêncio grave sobre o espaço acanhado. Embora Grace tivesse ignorado a presença do homem na loja, agora não pensava noutra coisa. Se estivesse na loja

do tio em Drayton, poder-lhe-ia oferecer assistência, talvez até fazer alguma sugestão. Ali, no entanto, era evidente que ele conhecia a livraria muito melhor do que ela.

Tentou escovar discretamente o pó do vestido, o melhor que podia, jurando a si própria que nunca mais usaria nada branco enquanto a loja não estivesse completamente limpa. Depois, optou por apanhar as várias tralhas que estavam espalhadas no balcão enquanto esperava que ele acabasse de escolher os livros que ia levar. Encontrou uma caneca velha num dos armários do balcão e encheu-a com os cotos minúsculos dos lápis, gastos até ao fim. Em seguida, deitou os papéis de rascunho amarrotados para o lixo, mas só depois de confirmar que não eram faturas importantes, já que muitas vezes se assemelhavam bastante.

Quando Grace desviou o olhar da tarefa, o cavalheiro encontrava-se à frente do balcão parcialmente arrumado. Sorriu e fitou-a com os mais impressionantes olhos verdes que ela já vira. Tinha uma minúscula cicatriz no queixo que rematava na perfeição a linha do seu maxilar e o tornava tão atraente como um ator de cinema.

O cérebro de Grace procurou atabalhoadamente algo de interessante para lhe dizer, mas este acabou por deixá-la desamparada.

— Posso ajudá-lo com alguma coisa?

Ele fez deslizar por cima do balcão uma pilha de livros em que ela não tinha ainda reparado, perdida que estava nos bonitos olhos do homem.

— Queria levar estes, por favor. — Enfiou as mãos casualmente nos bolsos e afastou as pernas, em posição de conversa. — Nunca tinha visto uma assistente de loja na livraria do Sr. Evans.

Grace carregou num botão da velha caixa registadora e o seu ruído metálico ecoou na loja vazia.

— É o meu primeiro dia. — Lançou-lhe um olhar tímido enquanto pegava no segundo livro. — Foi muito simpático da sua parte ajudar-me há pouco. Obrigada.

Ele abriu mais o sorriso, com a pele a enrugar-se ao de leve no canto dos olhos.

— Era o mínimo que podia fazer. Venho cá regularmente desde que era miúdo. Reparei que estive a arrumar o sítio. É preciso alguma coragem.

— Estou disposta a aceitar o desafio — disse Grace, apercebendo-se da verdade por detrás das suas palavras. Quanto mais não fosse, limpar e arrumar a livraria ajudá-la-ia a passar o tempo nos próximos seis meses.

— E é mesmo um desafio. — O homem olhou para trás com uma expressão exageradamente séria. — Especialmente para um apaixonado por livros. Os policiais podem facilmente ser *thrillers*, os clássicos podem perfeitamente ser histórias de amor, e por aí fora.

— Não sou uma apaixonada por livros — confessou ela. — Quero dizer, nunca tive muito tempo para os livros.

Ele recuou ligeiramente, como se se sentisse afrontado pela confissão dela, embora o sorriso se tenha mantido inflexível.

— Bem, se quisesse começar por algum deles, eu sugerir-lhe-ia *O Conde de Monte Cristo*. É um clássico que sempre apreciei muito. — Inclinou a cabeça. — Embora também possa ser uma história de amor.

— Vou ter a sugestão em conta. — Grace pegou no último livro e registou-o. — Agradeço-lhe a recomendação.

Ele tirou a carteira do bolso e pagou os livros.

— Poderei ter a audácia de lhe perguntar o nome?

— Menina Grace Bennett — respondeu ela.

— Menina Bennett. — O homem acenou educadamente com a cabeça. — Chamo-me George Anderson. Estou ansioso por ver o que consegue fazer da loja.

Grace assentiu em silêncio e o Sr. Anderson foi-se embora, afastando-se às arrecuas para lhe atirar um último sorriso devastador.

Céus!

Ela levou uma mão ao peito, como se isso servisse para lhe abrandar os batimentos acelerados. Então, a sineta da porta voltou a tocar e o Sr. Evans encheu a loja com a sua disposição rabugenta.

Fixou os olhos no balcão organizado, e as sobrancelhas peludas agitaram-se de consternação.

— Que diabo aconteceu aqui? Fomos assaltados?

— Estive a arrumar um pouco — retorquiu Grace.

O Sr. Evans pôs um semblante carregado e olhou em redor da loja.

— É por isso que está tudo tão poeirento, então. — Abanou um jornal à frente como se se sentisse ofendido com o ar.

Grace ficou muito tensa, à espera de uma censura como as que o tio lhe costumava atirar. Ao longo de todos os anos em que trabalhara para ele, desde o primeiro dia após terminar a escola em Drayton até ir para Londres, o tio fizera sempre questão de lhe apontar em grande detalhe todas as suas muitas falhas. A ética de trabalho dela não estava ao nível das exigências dele. Deitava fora produtos que ainda estavam bons. Podia ter melhorado as vendas com as suas sugestões aos clientes, se fosse mais esperta, mais intuitiva, mais espreitada. Menos incompetente.

Ela fechou as mãos e apertou-as com força, preparando-se para uma tarefa emocional acerca das incapacidades da sua pessoa.

— Bem... suponho que estivesse de facto a precisar de uma limpeza — resmungou o Sr. Evans numa aquiescência relutante.

Grace descontraiu os punhos.

— Perdão?

— O espaço está bastante poeirento, e não tenho arranjado vagar para tratar do assunto. — Bateu com o jornal em cima do balcão e pegou na pilha de recibos que Grace amontoara, ignorando alguns que esvoaçaram para o chão. — Espero que não tenha andado a bisbilhotar as minhas finanças.

— Seria incapaz! — Grace baixou-se para apanhar os recibos espalhados e entregou-os ao Sr. Evans, com o cuidado de desviar os olhos do seu conteúdo.

Ele juntou-os ao resto do monte e desapareceu na pequena sala dos fundos da loja. Ficou lá dentro durante algum tempo e, quando saiu, permaneceu nas traseiras a observar os livros, como se fosse um cliente e não o dono da loja.

Grace passou o resto da tarde a limpar o pó e a polir o balcão. Era bastante bonito por baixo dos anos de sujidade, com arabescos talhados

nos cantos e uma belíssima tonalidade de castanheiro. Por sorte, não houve mais nenhum cliente a pedir-lhe ajuda com os livros, e o seu papel ficou assim resumido a receber o pagamento deles.

Quando finalmente chegou a hora de sair, o Sr. Evans respondeu à despedida com pouco mais que um resmungo. Sempre era melhor do que as tarefas de Sísifo com que o tio a costumava sobrecarregar depois do horário de expediente.

Embora suja, exausta e a sentir que não fizera o suficiente, Grace correu avidamente até casa, ansiosa por saber como tinha corrido a entrevista de Viv.

Abriu a porta de rompante ao chegar.

— Então, Viv, como é que...?

A telefonia estava ligada no máximo, com uma voz a estralejar na sala, informando os ouvintes de que fora mobilizada uma esquadrilha.

Uma esquadrilha de quê?

A Sra. Weatherford estava sentada com Viv em frente ao rádio, escutando com toda a atenção. Viv virou-se para ela e fez-lhe sinal para que se aproximasse.

Grace juntou-se imediatamente à amiga no sofá de *mohair* azul.

— O que foi? — sussurrou. — Porque é que estão a dar o noticiário? Ainda não são 18 horas.

Nervosa, Viv encarou-a.

— Houve novidades esta tarde. Chamaram os reservistas. Disseram há pouco que não devíamos concluir daí que a guerra seja inevitável. Mas como pretendem convencer-nos disso, quando estão a dizer que todas as esquadrilhas foram mobilizadas e que todos os reservistas navais e o restante pessoal da Royal Air Force se devem apresentar ao serviço?

Grace deixou-se cair de encontro às costas do sofá, atordoada com o choque. Como é que não soubera de nada daquilo? Mas a verdade é que tinha estado enfiada no seu próprio mundinho, ocupada a limpar, com o cérebro empenhado na tarefa que resolvera empreender e sem grande contacto com os poucos clientes espaçados que apareceram.

A ansiedade que vibrava no ar fez zunir as veias de Grace. Então era agora.

A guerra.

A Sra. Weatherford manteve-se em silêncio, com uma máscara de estoicismo no rosto. Levantou-se abruptamente e desligou a telefonia sem fios.

— Já chega por hoje. — Inspirou fundo e virou-se para Grace. — Espero que o teu primeiro dia tenha corrido pelo melhor.

— Sim, obrigada — respondeu Grace, baixinho.

— Ainda bem. — A Sra. Weatherford fez um aceno mecânico. — Desculpem-me, mas tenho um empadão de rins para preparar, se quisermos ter o que comer ao jantar.

A senhora saiu da sala sem esperar por resposta, com as costas artificialmente direitas.

Viv baixou a voz:

— Amanhã vão evacuar as crianças. Todas elas, para o campo. Pelo menos, aquelas que tenham sido inscritas na lista pelos pais.

Grace sentiu um aperto no peito. Viv tinha toda a razão: como poderiam esperar outra coisa que não a guerra, estando aquelas medidas a ser implementadas?

Grace lembrou-se da dona de casa que tinha estado na loja a escolher um livro, sem saber que os filhos se iriam embora no dia seguinte. Todas as mães de Londres iriam ficar sem os filhos por causa da evacuação. E muitas delas teriam também de enviar os maridos para a guerra.

Se não houvesse voluntários suficientes, teria de haver uma recruta obrigatória. Grace sentiu uma reviravolta no estômago.

Colin poderia ser chamado.

Não admirava que a Sra. Weatherford estivesse tão pouco inclinada para continuar a ouvir a rádio.

Viv olhou solenemente para a alcatifa. Embora tivesse um nó na garganta, Grace esforçou-se por fingir uma certa leveza, para não cederem as duas ao desespero.

— As crianças hão de ficar bem, desde que não as ponham com o meu tio e a família dele.

Viv fez um sorriso triste, tentando alinhar.

— Não correm o risco de que ele lhes ofereça um lugar onde ficar, está descansada.

Só então Grace reparou que Viv ainda estava a usar o seu melhor vestido azul-marinho.

— Sempre tiveste a tal entrevista?

Viv assentiu.

— Ofereceram-me um lugar de assistente. Começo amanhã, mas não sei por quanto tempo os armazéns vão continuar abertos, agora com isto.

— Tenho a certeza de que não vão fechar. — Grace apertou as mãos da amiga. — Toda a gente precisa de umas meias ou de uma blusa nova para se sentir melhor.

— Ou de um elefante? — Viv inclinou a cabeça.

— Talvez um *wombat*? — Grace encolheu os ombros.

Viv esticou os lábios na sugestão de um sorriso.

— Talvez até uma chita?

— Mas não se esqueça de levar a trela! — avisou Grace.

A expressão de Viv ficou muito séria.

— Vamos ultrapassar isto, Grace Bennett. Vais ver.

Pôs a mão sobre a de Grace, sinal de uma camaradagem que as unia desde crianças. A amizade tinha-as ajudado a sobreviver à dor da morte da mãe de Grace, à pasmaceira da vida de Drayton, aos pais superprotetores de Viv e até mesmo às incessantes arrelias de Geoffrey Simmons, o palerma.

Juntas, seriam capazes de enfrentar todas as agruras que a vida lhes atirasse para cima: fosse um lojista rezingão, fosse a guerra iminente.

UMA CIDADE REPRIMIDA PELO MEDO, DILACERADA PELA GUERRA E REUNIDA PELO PODER DOS LIVROS.



Agosto de 1939: à medida que as forças de Hitler se espalham pela Europa, Londres prepara-se para a guerra.

Grace Bennett sempre sonhara em mudar-se para a cidade, mas os abrigos e os *blackouts* obrigatórios que encontra à chegada nada têm que ver com o charme cosmopolita que idealizara. Além de que Grace sempre se imaginara a trabalhar num dos chiques armazéns de moda de Londres e não numa pequena e estranha livraria no coração da cidade.

A guerra, por fim, abate-se sobre Londres, provocando uma das suas maiores tragédias: noite após noite, as esquadrilhas de aviões da «guerra-relâmpago» alemã bombardeiam a cidade, arrasando-a impiedosamente. Sobrevivendo ao caos e à destruição, Grace resiste na livraria, descobrindo no poder das palavras uma força capaz de triunfar sobre as noites mais negras.






«Esta mistura de livros, romance e guerra não pode existir sem tragédia, mas a sua conclusão, cheia de esperança, comoverá garantidamente os apaixonados pela leitura.»

BOOKLIST



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Romance Histórico

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895648559



9 789895 648559 >